

**PRONUNCIAMENTO DO PE.  
JESUS HORTAL, S.J.  
no ato de entrega dos Prêmios  
“Personalidade Educacional 2000”**

---

Exma. Sra. Profa. Edília Coelho Garcia, modelo de educadora, e na qual saúdo todos os integrantes da mesa presidencial,  
Prezados Colegas de premiação,  
Minhas Sras. e meus Srs.

Desejo, em primeiro lugar, felicitar os meus colegas de premiação, entre os quais encontro pessoas muito mais meritórias do que eu e cuja simples companhia se constitui numa honra para mim. O Eminentíssimo Sr. Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio de Araújo Sales, impossibilitado de fazer-se presente, incumbiu-me também de apresentar, em nome dele, as felicitações mais efusivas a todos eles. Ao mesmo tempo, quero expressar a minha gratidão pelo galardão concedido pela ABI e a ABE, sob a iniciativa da Folha Dirigida. Com esse agradecimento creio interpretar também os sentimentos dos outros agraciados com o título de Personalidade Educacional 2000. Num país como o nosso, onde a imprensa escrita e falada dá tão pouco destaque à Educação – nenhum jornal de grande circulação tem um “Caderno de Educação”! - esse reconhecimento público da tarefa educacional constitui uma iniciativa estimulante para todos nós. Penso, porém, que o que está sendo reconhecido não é apenas nem em primeiro lugar o trabalho individual de cada um de nós. Atrás das nossas realizações, escondem-se inúmeras pessoas – professores, alunos e funcionários –, sem cuja colaboração teria sido impossível atingir as metas almejadas. No meu caso concreto, sei quantas pessoas – dos funcionários da limpeza e manutenção até os doutores pesquisadores, os Vice-Reitores e os Diretores, sem esquecer os alunos, que nos ajudam com suas avaliações e críticas – apoiaram o meu esforço. Por isso, aceito o prêmio como uma homenagem a todos eles e publicamente lhes digo, com todo o coração, um muito obrigado!

No mês passado, tive a felicidade de participar em Roma do Jubileu das Universidades e, mais especificamente, da sessão própria dos Reitores. O tema do nosso encontro era "A Universidade por um Novo Humanismo". Por sua própria natureza, toda educação deve ser humanista, pois que dirigida, em última instância, ao desenvolvimento da pessoa humana. É por isso que me atrevo a trazer aqui, com algumas modificações oportunas, as considerações que apresentei naquela oportunidade.

Sou educador e sou cristão. Para mim, a raiz mais profunda do humanismo se encontra em Cristo, o "Homem Novo", Aquele que, com a sua morte e ressurreição, nos mereceu a filiação divina. Pela nossa inserção no Senhor Ressuscitado, tornamo-nos uma nova criatura, "tudo se tornou novo" (cf. 2Co 5,17). O velho já passou, devemos caminhar na novidade da vida. A consideração da pessoa humana, não apenas como criatura de Deus, mas também como destinada a participar na vida da Trindade é a base do verdadeiro humanismo cristão. A perspectiva fundamental dele é uma abertura para o homem enquanto portador de valores eternos e de uma vocação transcendente. A cultura religiosa – componente imprescindível de toda autêntica educação – deve apresentar aos jovens essa perspectiva de transcendência e eternidade. Em nenhum sistema educativo – público ou privado – deveria faltar essa dimensão da formação do homem e do cidadão.

É necessário, porém, neste limiar do século XXI, repensar essas velhas verdades no contexto do nosso tempo. O humanismo consiste basicamente na consideração da pessoa humana como centro da reflexão e da vida, embora ela não seja exatamente o centro do universo, papel este que corresponde unicamente a Cristo, Aquele por quem e para quem tudo foi criado (cf. Cl 1,16). Na nossa época, quando tudo é colocado sob o signo da globalização, o humanismo pode adotar uma feição claramente global e, por isso mesmo, fortemente cristã. De fato, Cristo, cabeça e plenitude da criação (cf. Cl 1,18), nos mostra a vocação universal do ser humano. O humanismo do nosso tempo ou será global ou se tornará incompreensível para os nossos contemporâneos. Essa globalização humanista nos obriga a contemplar três campos que precisam atualmente de um esforço renovado de síntese antropológica: o das novas tecnologias da informação e da comunicação; o da nova economia; e o dos novos caminhos da biologia, incluindo, de modo especial, a engenharia genética.

As novas tecnologias da informação e da comunicação estão apagando as fronteiras políticas e culturais. Em qualquer parte do mundo, pode-se aceder hoje a uma informação completa daquilo que acontece em qualquer latitude, em qualquer nação ou no meio de qualquer povo. Além disso, por causa das novas tecnologias, aumentaram, quase até o infinito, as possibilidades de comunicação pessoal com gentes de qualquer estirpe, credo ou cultura. Para uma criança de oito ou dez anos, hoje é algo natural enviar e receber mensagens eletrônicas, participar, junto com outras crianças, através do computador, de sessões de *chat* ou de grupos de jogos interativos. Por isso, as novas tecnologias abrem

possibilidades gigantescas para a integração das culturas, em nível mundial. O novo humanismo, que tem que constituir a base da nossa educação, pode e deve apoiar-se nas novas tecnologias, a fim de desenvolver uma cultura da unidade e da solidariedade entre todas as pessoas; uma cultura capaz de superar as estreitas fronteiras entre os nacionalismos radicais, geradores de tantas guerras e conflitos no passado e de tantas mortes e terrorismo no presente. O uso dessas novas tecnologias não é monopólio de uma escola, faculdade, departamento ou instituto determinado, mas é próprio da educação inteira, como um todo. Por isso, são os educadores, na sua totalidade, os que se terão que empenhar na sua utilização para a construção do novo humanismo. Como conseguiremos colocar essas tecnologias a serviço da paz e da fraternidade universal? Eis a tarefa que teremos que enfrentar, como educadores, nos próximos anos.

A chamada "nova economia" apóia-se, certamente, nas novas tecnologias, mas vai bem além delas. Cada vez se difunde mais a concepção de que não é possível construir uma sociedade economicamente viável sem um crescimento sustentável, ou seja, sem um tipo de desenvolvimento que se preocupe com a integridade da criação, exatamente porque ela é o lar da humanidade, que lhe foi dado pelo próprio Deus (cf. Gn 1,22-30). Por isso mesmo, o novo humanismo não pode olhar unicamente para o desenvolvimento da nação ou da região de cada qual; precisa contemplar a terra como um conjunto harmônico, uma casa comum, de acordo com o plano divino primitivo. Daí se deriva um motivo a mais de fraternidade entre todos os seres humanos. Guerras, desastres ecológicos, desperdício de matérias primas ou de riquezas de qualquer natureza já não podem ser contemplados como acontecimentos de alcance restrito, mas como algo que afeta todo o planeta e, conseqüentemente, a humanidade inteira. Desenvolver a consciência ecológica, cultivar uma cultura de paz e de solidariedade é algo para o qual as instituições de ensino também podem contribuir. O campo da sociologia, do direito, da ecologia, das engenharias e tantos outros deveriam ter sempre, como quadro de referência, a humanização do espaço terrestre, como um todo.

Dizíamos que o terceiro campo onde o humanismo pode adquirir novos acentos é o biológico, de modo especial o da biotecnologia. Cada vez que vemos nos jornais notícias sobre os avanços tecnológicos da engenharia genética, perguntamo-nos sobre o significado e o rumo dessas pesquisas. Estão a serviço da humanidade? Entra aqui em questão a antiga polêmica: a arte e a ciência têm uma finalidade em si mesmas ou apenas se justificam na medida em que se encontram a serviço do ser humano? A tarefa que Deus nos confiou não foi apenas a de conhecer a obra de suas mãos, mas também a de desenvolver as suas potencialidades, a serviço dos irmãos. Essa tarefa é descrita na Bíblia como o cultivo de um jardim (cf. Gn 2,15). Trata-se, portanto, de adornar e enriquecer o espaço comum, não de explorá-lo até o esgotamento. Conseqüentemente, a ética possui um primado sobre a ciência, do mesmo modo que o espírito sobre a matéria e a pessoa sobre as coisas. Este primado deve ser explicitamente afirmado e colocado em relevo por

todos os que estamos empenhados na educação. Talvez é neste campo onde se encontre o maior desafio para os educadores e para as instituições de ensino, especialmente para as Universidades. De fato, a pesquisa adquiriu, em nosso tempo, uma espécie de autonomia que pode ser extremamente perigosa. Devemos apoiar, sem dúvida, a autonomia para a pesquisa da verdade, mas não podemos admitir uma autonomia que gere monstros, fruto de caprichos irresponsáveis. É preciso colocar limites à ação dos pesquisadores, a fim de excluir a manipulação do ser humano. A atual engenharia genética coloca-nos diante de problemas que nem sequer suspeitávamos há poucos anos ou que, no máximo, pertenciam ao campo da ficção científica. Teremos, enquanto educadores, o valor necessário para enfrentar esses problemas tão atuais e, ao mesmo tempo, tão inquietantes?

Humanismo global, humanismo que coloque a riqueza a serviço de todos, humanismo que procure a melhora da qualidade de vida da humanidade, com respeito para a personalidade de cada um. E tudo isso como que fluindo da convicção íntima, que brota da fé, de que a terra não nos pertence em propriedade, mas que nos foi confiada para a cultivarmos como um jardim, que acabará por ser, quando a criação for renovada, a coroa do Verbo de Deus. É essa a tarefa com a qual devemos nos enfrentar. Sim, precisamos construir um novo humanismo, que seja, ao mesmo tempo, velho e novo, apoiado na sabedoria bíblica, mas com as janelas abertas para o nosso tempo.

O prêmio que nos foi atribuído é, para mim, e creio que também para os meus colegas, antes um convite a um aprofundamento do nosso trabalho. Gostaria que as poucas idéias que acabo de expor sejam objeto de reflexão e debate, com vistas a um melhor desempenho da nossa tarefa: contribuir para a formação do ser humano em todas as suas dimensões, no contexto do nosso tempo e do nosso país.

Muito obrigado!